



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARGOT MARTHA RITTER DA COSTA**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias  
**Número da entrevista:** E-51  
**Entrevistado:** Margot Martha Ritter da Costa  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS  
**Entrevistadores:** Karine Dalsin e Renato Trusz  
**Data da entrevista:** 16/01/2004  
**Transcrição:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Conferência Fidelidade:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Copidesque:** Marco de Carvalho  
**Pesquisa:** Camile Romero  
**Fitas:** (01 fita) 51/01-A e 51/01-B  
**Total de gravação:** 50 minutos  
**Páginas Digitadas:** 21  
**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel  
**Número de registro:** 01941/2008/01  
**Número de registro da fita:** 01941/2008/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

COSTA, Margot Martha Ritter da. *Margot da Costa (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Início de sua vida esportiva; os esportes praticados; o apoio da família; breve relato sobre a educação física escolar de sua época; vivências na ginástica olímpica, atletismo, voleibol e basquete; convocações para seleções de atletismo, voleibol e basquete; atuação como professora de educação física; participação nos Jogos Abertos Femininos.

Porto Alegre, 16 de janeiro de 2004. Entrevista com Margot Martha Ritter da Costa, a cargo dos entrevistadores Karine Dalsin e Renato Trusz para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Margot, eu gostaria que tu começasses nos contando, da tua história de vida e como que tu começaste a praticar esporte?

M.C. – Como eu já tinha te falado antes, eu comecei inclusive a caminhar dentro da SOGIPA<sup>1</sup>, porque a gente morava do outro lado, praticamente, era só atravessar um campinho e já estava lá dentro da SOGIPA. Meu pai e mãe eram atletas também, então eu passava ali dentro, desde pequenininha eu estava ali junto com o pessoal do esporte, dentro de uma pista de atletismo, mais tarde dentro de uma quadra de tênis, que foi o esporte que eu fiz. Depois o atletismo, inclusive eu também fazia na escola, praticava na escola que foi no Farroupilha<sup>2</sup>, atletismo fazia também, já tinha. Eles davam as noções básicas de basquete, de voleibol, ginástica também, então foi nessa maneira que eu fui evoluindo depois também fui para o Americano<sup>3</sup>. Então sempre jogando. Já aos onze anos eu comecei a competir [palavra inaudível] em atletismo e voleibol. Eu nem me lembro mais em que idade que foi, mas eu acho que foi lá por quatorze, quinze anos. Também comecei com o voleibol e depois em seguida a turma do voleibol começou com o basquete também. A maioria era jogadora de voleibol e de basquete, foi estas duas. Estas modalidades que era praticamente a mesma turma que fazia.

K.D. – Teus pais te apoiavam para praticar esporte?

M.C. – Sempre, inclusive na minha família todos foram esportistas, a minha irmã o meu irmão, a gente sempre...

K.D. – Todos vinculados ao clube?

---

<sup>1</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942

<sup>2</sup> Colégio Farroupilha

<sup>3</sup> Colégio Americano

M.C. – Sim, tudo é da SOGIPA, meu irmão também, inclusive depois eu posso te mostrar as fotos e tudo. Sempre junto, a minha irmã, o pai também era meu treinador, nosso treinador no final, também dentro das equipes e ela também tinha sido atleta, mas ele passou a ser nosso treinador.

K.D. – Do voleibol?

M.C. – Exato, do voleibol.

K.D. – E no atletismo?

M.C. – No atletismo eu tive diversos técnicos, a base foi ele quem me deu também Sempre, inclusive eu tinha que ir aos sábados, chegava na SOGIPA, ele me dava um papel deste tamanho, enquanto ele ia até lá em cima no tênis para botar a roupa dele. Então eu já tinha que fazer o aquecimento, eu tinha *horror* de fazer. Aí eu matava o aquecimento, quando ele voltava, ele perguntava: “Como é, já fez?”. Eu digo “não”. “Então repete porque este foi muito fraquinho”. Não tinha o que fazer mesmo, ele também foi meu treinador.

K.D. – Qual era o conhecimento que ele tinha de esporte?

M.C. – Só prática, ele não era... Ele nunca tirou... A parte que ele... Nunca tirou um curso nem nada, mas desde guri ele era esportista.

K.D. – E incentivou todos os filhos?

M.C. – Todos filhos, os netos depois. Os meus filhos também foram esportistas, tudo.

K.D. – Tu chegaste a nadar?

M.C. – Não, nadar não. Eu fiz aulas até com o professor Capra<sup>4</sup>, até que a gente saía do Farroupilha e ele dava aula, mas nadar, não. Eu fiz vôlei, basquete e atletismo. A *ginástica* agora me lembrei é uma das primeiras modalidades também que eu fiz, em 47, com onze anos também. Eu fiz e até tirei, competição de estreates foi em Sapiranga<sup>5</sup>, eu ganhei a competição, na época. Da Dinoá<sup>6</sup> na época que era um grande atleta, depois na segunda competição, eu tirei terceiro lugar, na terceira competição eu fui fazer um movimento na trave e levantei a perna e sentei assim na trave. Eu disse, não quero mais saber disto aí, então larguei a ginástica e de fato eu estava ficando muito grande, porque ginástica a pessoa tem que ser pequenininha e eu já estava muito ‘jerivá’, já nem dava para a ginástica. Então me dediquei mesmo ao voleibol e ao basquete e atletismo, deixei a ginástica.

K.D. – A ginástica que tu fala...

M.C. – Olímpica. De aparelhos.

K.D. – Pode descrever um pouco de como eram as competições que tu participaste de ginástica?

M.C. – Ginástica? Era aquelas coisas assim mais, menos publico. E vinham as pessoas do interior de Sapiranga, São Leopoldo<sup>7</sup> para competir com a gente. E nosso professor era o professor Black<sup>8</sup>, que era também meu professor no Farroupilha também era onde ele dava as aulas de ginástica olímpica.

K.D. - E a educação física escolar que tu tiveste, tu já nos falaste algumas coisas, assim algumas praticas que eram oportunizadas na... Quando tu estavas na escola e fazia educação física.

M.C. – Fazia, fazia educação física, era uma beleza. Tinha uma professora que levava as meninas que eram mais de dança e outro professor que era o professor Capra, ele nos

---

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>5</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>7</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>8</sup> Karl Black

levava fazer uma modalidade esportiva, era o professor Capra e o professor Black. O Black levava a gente para a ginástica e o Capra levava a gente para a nataçãõ, para o voleibol, para o basquete. Entãõ a gente, naquela época, já era dirigido para a modalidade esportiva.

K.D. - Lembra se os meninos e as meninas faziam juntos?

M.C. - Faziam separado, ainda faziam separado na época.

K.D. - E lembra se tinha alguma diferença do conteúdo das aulas entre as aulas dos meninos e das aulas das meninas?

M.C. - Pois olha, nem acompanhava a dos meninos, não posso te dizer se tinha muita diferença, mas eu acho que era nesta base, também fazia a mesma modalidade, não me lembro também deles jogarem futebol, porque o futebol na Sogipa nem tinha quadra, era de basquete e de voleibol, eles faziam as mesmas coisas.

R.T. - Mas as meninas têm grande parte... Eram poucas meninas que faziam modalidades esportivas?

M.C. – *Nãõ*, bom, não eram tantas por causa da dança, é lógico.

R.T. - Mas era um número significativo?

M.C. – Era um número bom, mas era, até eu me lembro, que a gente disputava inclusive torneios pela escola e tudo, então tinha treinamento e, às vezes, eu estava dentro de uma aula a de canto orfeônico e me chamavam e os professores... Ou numa aula de latim aí eles já ficavam bravos. O professor Capra chamava a gente para treinar, para juntar a turma e eu queria mais era e ir fazer o voleibol e basquete e do que ficar dentro da sala de aula estudando o latim. Levantava, o professor dizia: “Vai para a rua, vai para a rua de uma vez, vai por lá!”. Entãõ tinha aquela briga dos professores da época, dos de matéria com os outros professores de esportes, mas era muito bom, *barbaridade*.

K.D. – E depois tu te dedicaste mais ao atletismo?

M.C. – Não, sempre os três juntos. Os três juntos, sempre as três modalidades. Eu fui para campeonatos brasileiros e viajava, às vezes, num mês eu viajava com o vôlei e depois já estava viajando com o atletismo e basquete. As três modalidades.

K.D. – O basquete surgiu na SOGIPA junto com o vôlei?

M.C. – Sim, a gente, a maioria porque a Magda<sup>9</sup>, eu, a Cloé<sup>10</sup>, a turma toda, era toda a turma do vôlei também! Então a gente fazia basquete também. Minha irmã também era do vôlei, também partiu para o basquete...

K.D. - Mas começou com o vôlei e aí depois, a partir do time de vôlei, vocês montaram o time de basquete?

M.C. - Eu acredito que sim, claro que foi.

K.D. – Mas o atletismo tu chegaste a competir?

M.C. – Sim, também.

K.D. – Pode nos falar um pouco *mais* sobre a esta tua passagem no atletismo?

M.C. - Pois é, esta aqui eu tenho dessa corrida, quer dizer, que eu aprendi a caminhar ali naquela pista, que eu sou desde a época da pedra fundamental de 1940, eu já estava ali dentro da SOGIPA. E comecei também que o pai competia e eu então sempre acompanhava ele. Também estava ali na pista, fazia treinamento lá com ele, saltava, pulava, fazia altura, saltavam distância e depois, conforme eu fui crescendo, já comecei a passar barreira também que eram as minhas especialidades. Eram: salto em altura e barreiras, 80 metros com barreiras. Eu cheguei a competir um sul americano, ganhei a Taça Brasil também Rio, São Paulo<sup>11</sup> disputar o salto em altura, os 80 com barreira e eu nunca consegui ganhar da Vanda dos Santos, mas a altura eu consegui ganhar quando a Deise<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Magda Burger Rive

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>11</sup> Cidades Brasileiras

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.



de repente parou. Aí tinha a Clara Muller, paulista também e tudo, mas fazia de tudo, tal hora estava com uma modalidade, outra hora com outra modalidade. Eu fazia os três, não tinha nenhuma predileção, talvez o que eu *menos* gostasse era o basquete. O atletismo e o voleibol eu adorava. O voleibol me deu muita chance de pegar seleção, no atletismo eu também peguei seleção, disputei o sul-americano e fui ao mundial em Paris<sup>13</sup> em 56, que nós fomos disputar o campeonato.

K.D. - Foste tu do Rio Grande do Sul?

M.C. – Sim, na época tinha uma gaúcha, mas ela já estava jogando em... No Rio, a Marina Celistre, ela era gaúcha, mas ela já estava morando no Rio e disputando lá. Ela começou o esporte aqui depois ela foi para o Rio. Aí nós fomos para Paris em 56. Não fomos classificadas, mas ganhamos a chave de consolação! Pegamos de cara as vice campeãs mundiais da época e depois as coreanas: “Ah, coreanas vai ser...”. Tomamos um baile das coreanas também! Então ganhamos a chave de consolação na época, isso foi em 1956, que nós fomos.

K.D. - Nos conte um pouquinho da convocação, dos treinamentos.

M.C. - Lá para este campeonato?

K.D. – É.

M.C. – Bom, a convocação teve tempo. O Wainer Vianna que deu uma força aqui, ele era presidente da federação de tudo e ele então deu uma força e pediu que me chamassem até a chegada lá no... Quando cheguei no Rio, o presidente da confederação, era o Dênis<sup>14</sup> na época - não-lembro o sobrenome – disse: “É, vamos ver se realmente o que o Viana diz... Tu mostra teu jogo”. [ao fundo ruídos do cão da entrevistada] E era bem difícil porque dava mineira, era carioca, tinha paulista e eu como única gaúcha. Então tu tinhas que mostrar jogo mesmo, tem aquelas panelinhas e tudo, mas eu fui tranqüila aí pouco... Esperem um pouquinho.

---

<sup>13</sup> Capital Francesa

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação.

## [INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.C. - Fiquei quase dois meses, um mês de concentração do Rio, nós ficamos em Pedra Redonda. Volta Redonda num hospital, num hotel de freiras e liberaram tudo para a gente. Tinha nutricionista e tudo, treinamento e manhã, cada uma dentro do seu quarto, aquela coisa. A nutricionista pesava a gente, não podia comer chocolate, então a gente dava para os gurizinhos assim, sair para comprar chocolate para a gente, escondia debaixo do travesseiro, eles examinavam para ver se tinha e tudo, com um monte de coisas. Aí fomos fazer... Só vim para casa para pegar, trocar a mala. Fizemos uns jogos em Belo Horizonte<sup>15</sup> e um jogo também em Recife<sup>16</sup> que já era caminho para ir para a Europa e apresentações e tudo. Lá pelas tantas, a gente pegou o avião e atravessou o transatlântico, o Atlântico aqui, com o Constellation de quatro motores. Levamos sete horas para chegar em Dacar, em cima daquele marzão e tudo. Depois Dacar – Lisboa<sup>17</sup>, Lisboa – Paris. A gente chegou finalmente em Paris. Ficamos em uma escola de educação física também, as holandesas e nós, e houve logo em seguida os jogos. Fomos desclassificadas, ficamos dando uns passeios por lá, conhecendo Paris. Eles botaram ônibus à disposição e voltamos, mas foi muito gostoso.

K.D. - Pensando no vôlei hoje e no vôlei daquela época, cite alguns aspectos daquela competição que seriam bem diferentes das concepções que a gente tem de competição hoje?

M.C. - Eu acho que era tudo na mais... Hoje está assim, está mais uma profissão o voleibol e antigamente não. Porque a gente começou lá na SOGIPA e até quando era da federação de fazer os seus fardamentos a gente que investia. A gente comprava o tênis. No atletismo tinha que comprar o sapato de prego, esta coisa toda no início. Então o vôlei hoje em dia é uma profissão, eu acho maravilhosa, pena que não tinha na época também e tem muito mais recursos hoje em dia, tudo certinho, tecnicamente e também na parte médica, no caso. Cuidar dos treinamentos deles, como é que eu vou dizer, era assim: “vai aquecer”. Corria lá duas, três voltas, estava aquecida. Hoje em dia não, é todo um trabalho de alongamento e

---

<sup>15</sup> Cidade Brasileira

<sup>16</sup> Cidade Brasileira

<sup>17</sup> Capital Portuguesa

tudo, nós nem tínhamos isso, no finalzinho sim. Mas antigamente não. Era tudo “a moda miguelão”, como eu digo.

K.D. - Neste período da década de 50, Porto Alegre também teve algumas competições de vôlei importantes, teve campeonato brasileiro tem 52 e...

M.C. – 52, o brasileiro?

K.D. - Te lembra disso?

M.C. – 52. Não, 52 eu não estava jogando ainda.

K.D. - Começasse depois?

M.C. – 52, me deixe ver... 51... Eu estava jogando sim, mas brasileiro porque é que eu não joguei? Não foi 61? Agora não estou lembrada deste 51.

K.D. - E aí eu iria te perguntar como é que era o vôlei em Porto Alegre<sup>18</sup>, não o período que tu jogaste, foi década de 50 até...

M.C. - Até 69.

K.D. - E aí nos conte um pouquinho de como é que era o voleibol.

M.C. – Sim, era sempre as equipes, era a SOGIPA. Bem, começando mesmo, quando eu comecei, tinha INCA<sup>19</sup> que treinava lá na ACM<sup>20</sup> ainda, que o Godoi de Bezerra<sup>21</sup> era treinador na época. Aí que eu comecei realmente disputando pela SOGIPA que, antes era mais na escola. Então depois a gente jogava, ia muito para o interior, jogava contra Santa Cruz, contra São Leopoldo, Cachoeira<sup>22</sup>. Também tinha campeonatos citadinos, estaduais.

---

<sup>18</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>19</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>20</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

<sup>21</sup> Manoel Augusto de Godoy Bezerra

<sup>22</sup> Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

Então era o União, que eu me lembro, a INCA em uma determinada época... No voleibol não estou lendo mais.

K.D. - E que outros esportes coletivos as mulheres praticavam neste período, que tu lembras?

M.C. – Todos! As coisas vinham mais de longa data. Tu queres mais jogos ou não?

K.D. – É tu falaste dos jogos coletivos ou das modalidades esportivas ou práticas corporais que tu te lembra se serem praticadas por mulheres?

M.C. - Faziam esgrima também, eu me lembro que as meninas faziam esgrima, vôlei basquete, tinha esgrima... Basquete também.

K.D. – Futebol?

M.C. – Não, nesta época, não me lembro. Não tinha, não estou lembrada... Tinha outras modalidades assim tênis, tinha.

K.D. – Tu acreditas que tinha incentivo para a prática destas modalidades ou era a opção das meninas em praticar...

M.C. – Tinha, inclusive na SOGIPA tinha muitas tenistas boas e tudo.

K.D. - Os treinamentos aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, para o vôlei para o atletismo...

M.C. – Sim, como eu fazia? É aquilo que eu te disse que eu fazia, segunda, quarta e sexta treinava basquete e, terça e quinta, treinava vôlei, e, sábado e domingo, eu treinava atletismo.

K.D. - Tinha fadiga física. [riso]

M.C. – Não, eu adorava e isso que, ainda durante o dia, eu estudava e depois quando eu parei de estudar quando... Aí então atendia em casa, a família e continuava jogando. E aí carregava, era a vez que eu levava os filhos juntos, eles já iam desde pequeninos juntos para campeonatos inclusive. Carregava os filhos sempre junto.

K.D. – Tu não paraste de jogar quando tu tiveste seus filhos?

M.C. - Só parei quando eu estava grávida, depois em seguida e eu começava de novo.

K.D. - E o teu marido te apoiava?

M.C. - Ele sempre foi esportista também, conheci ele na SOGIPA. Foi meu treinador de basquete, foi treinador também do basquete masculino do Rio Grande do Sul e foi jogador da seleção.

K.D. - Ele era dedicado ao esporte?

M.C. – É, todo mundo é.

K.D. - E o basquete, tu lembras mais ou menos em que período praticou basquete?

M.C. – Ai eu não me lembro assim...

K.D. – Aproximadamente...

M.C. – Deixe eu ver aqui, basquete, basquete [palavra inaudível] quando é que foi o basquete, no tempo do Gérson Rui. Aí eu sei, no tempo do Gerson Rui, [remexe uma caixa de fotos] aonde estão, Gerson deixe-me ver aqui, está aqui. A época... Bom, aqui já estamos em 59, não, mas eu acho que foi um pouco antes disso. Aqui já é 1959, tem a Gisa<sup>23</sup>. Foi na década de 50 por aí que a gente começou o basquete.

K.D. – E porque tudo acabaste te afastando do esporte?

M.C. – Olha, 69 lá pelas tantas eu cansei e tu sabe como é, a gente joga e tu já começa a ter mais dificuldade, a idadezinha. Não era tão jovem, eu digo “então acho que está na hora de pendurar as chuteiras”. Para não cair ou quem sabe até ceder o lugar para gente que era sempre titular e aquela coisa toda. E eu acho que eu cansei. Pendurei as chuteiras, me despedi do voleibol, aquela coisa toda, basquete. Atletismo, às vezes, eu ia na SOGIPA. Então se faltava alguém aí o Milton Cunha<sup>24</sup>: “Margot, não sei o que”. Eu saía correndo, buscava o calção, ia lá, pulava, fazia o salto em altura e ainda ganhava. Fazia, mas em seguida... E já estava me afastando, o basquete não. Parei mesmo. Depois eu resolvi, quando eu parei total, eu digo “não, agora o que é que eu vou para fazer?”. Resolvi voltar a estudar para fazer educação física porque eu levava meus filhos no IPA<sup>25</sup> e o professor Silvino<sup>26</sup> me via e dizia: “Margot, abriu a faculdade de educação física, venha fazer educação física”. Eu dizia “tá, pode ser” e lá pelas tantas eu disse “quer saber de uma coisa, eu vou fazer mesmo”. Até contei já para o Renato que eu fiz o ginásio, terminei o ginásio, mas não terminei, tinha duas provas que eu tinha recuperação e na mesma época tinha um campeonato de basquete no Rio e meu pai era... Sempre ia com a gente e disse: “Não, vamos para o Rio fazer o campeonato porque tu já estudaste e depois tu vais casar mesmo, não irá precisar, é assim”. E fui, voltei realmente, fui trabalhar. Então, já que eu não estava mais estudando, trabalhava, continuava jogando. Em seguida eu casei e continuei jogando. Por causa disso é que digo, eu voltei a estudar porque eu tive que fazer ginásio, científicos. Eu fiz de tudo, 91, 99 uma dureza e um monte de coisa para poder fazer a faculdade no IPA. Em dois anos eu fiz tudo isso aí, passei, já cursei a faculdade, também já madurona, me formei, dei aulas, dei aulas também no Estado. Primeiro na escola aqui na vila floresta três meses só, em seguida foi chamada para o CETE<sup>27</sup> que antigamente era o DED, Departamento do Estado de Educação Física. O CETE tu conheces ali onde é a [palavra inaudível]. Ali eu trabalhei 23 anos primeiro então com alunos que eram da comunidade de escolas que iam para lá. Eu dei aula de atletismo, depois eu dei voleibol, aí depois quando descobriram lá que eu dava aula, também de... Dava aula de ginástica com música, quando surgiu aquelas aulas de ginástica com música. Eu dava na SOGIPA também, eu dei aula ali dez anos na SOGIPA e descobriram então no

---

<sup>23</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>24</sup> Milthon José Cunha

<sup>25</sup> Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul

<sup>26</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>27</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo

estado que eu dava. Então me convidaram também para dar para as mães das crianças da comunidade toda, dos alunos e já era um dinheiro, que era a única coisa que era cobrada lá. Um dinheiro então para manter a associação que é a que mantinha os atletas para ir para as competições e esse dinheiro eu dava aula e a associação é que cobrava para manter os atletas para irem para as competições de atletismo. Tem aquela menininha agora, campeã de ginástica olímpica, ela começou lá! Depois aquela, a Cleusa<sup>28</sup> levou ela para o União e essas alunas que competiam é que a gente... O dinheiro desse ia para a associação para fazer a ficha de inscrição, para fazer uma viagem, inclusive eu fui uma das professoras que adotei uma atleta também. Então tinha que ajudar ela também quando tinha as viagens, comprar fardamento aquela coisa toda. A Sandrinha<sup>29</sup> que por sinal lá pelas tantas ela largou, era uma menina ótima também e eu estou chegando. Tu fizeste uma pergunta, eu acho que eu já fui longe. [risos]

K.D. – Não, pode falar, não tem restrição e eu ia te perguntar

M.C. – Ah, tudo por causa do vôlei. Busquei o Gerson aqui.

K.D. – Esqueci...

M.C. - Do basquete, não? [risos]

K.D. - Com certeza o que te incentivou a fazer educação física foi ter praticado esporte...

M.C. – Sim, sim...

K.D. - Algum outro cargo relativo ao esporte, tu assumiste algum cargo de treinadora?

M.C. – Não, só dei aula, professora de ginástica também, atlética no caso, que chamavam na época. Treinadora não, treinadora eu fui só na época em que eu estava fazendo faculdade lá dentro do IPA. Então eu fui treinadora da escola. O IPA tinha uma equipe de

---

<sup>28</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação

basquete, eu sentava no banco, mas o marido junto porque ele que entendia de basquete e eu perguntava para ele. [riso] Ele entende de basquete.

K.D. - E por que acredita que tu tenha te apegado mais a prática destas três modalidades, especificamente?

M.C. - Pois é, por quê? As três, quem sabe o pai também praticava estas. Quem sabe me colocou ali a ginástica é porque a mãe fazia ginástica, que eu fiz, mas fiz pouco, não fui... Eu acho que por estar sempre ali dentro do clube, estar dentro de uma pista, estar dentro de uma quadra. Os filhos, por exemplo, também foram para o basquete, também porque o pai era basqueteiro, eu também do basquete. Então, acho que a gente vai porque está sempre naquele ambiente, por isso que eu fiquei com estas três modalidades. Natação eu até tentei uma vez, mas eu gosto mais de terra, não sou muito d'água não.

K.D. - Os espaços que vocês usavam para treinar o vôlei e o basquete, tinham quadras cobertas?

M.C. – Não, a gente começou em quadra aberta, até o voleibol era fechada, mas era um salão que tu não podia levantar muito a bola que já batia lá. Aí já caíam os ilustres e tudo. Então o basquete era na rua com sereno, com chuva e era lá na Alberto Bins na rua, uma quadra de cimento que, cada vez que tu caía, tirava um pedaço da pele do joelho e sempre era quadra aberta. O voleibol era fechada, depois que fizeram naquele ginásio na Alberto Bins, ainda que improvisado lá, mas...

R.T. - Teu pai iria só te colocar na ginástica olímpica, mas tu não...

M.C. – Não, eu até fui, mas me acidentei e eu estava ficando muito grande, já não dava mais, eu me pendurava nas paralelas que, na nossa época, não tinha estas assimétricas, era igual a dos homens que a gente se pendurava. E meus pés quase batiam embaixo. Então digo “o meu corpo, o meu porte físico, na ginástica olímpica, não é o ideal”.

R.T. - E ele gostaria de te colocar em outra modalidade esportiva, ele tentou fazer isso ou...



M.C. – Não, depois eu já estava dirigida para estas três no caso. Também joguei tênis, sei pegar numa raquete, bater na bola, eu jogava. Ele também foi jogador de tênis, de torneios e tudo. Teve três infartos dentro de quadra, jogando e ficava bom e ia de novo e ficava bom. [risos]

K.D. - Teus amigos acabavam sendo as pessoas com quem tu jogava, as pessoas do clube?

M.C. – Sempre do clube.

K.D.- Quando vocês não jogavam, o que vocês faziam?

M.C. – Tu sabes que eu não sabia o que era cinema, porque meu pai não deixava ir. Primeiro que eu tinha que treinar, então era sempre dentro do clube. Festa, não tinha festa. Às vezes tinha ou outro baile que era da SOGIPA. Então a gente ia e o pai ia junto, a mãe aquela coisa toda. Lá pelas tantas, “olha, vamos embora”, ou se tinha uma competição, ou se tinha um treino no outro dia, já tinha que deitar cedo, não tinha assim, o outro tipo de...

R.T. - Vocês não tinham tempo de férias?

M.C. – Não, e, quando chegava janeiro e fevereiro, a gente treinava, se juntava de novo e tinha terminado o estadual e tinha os brasileiros para viajar e tudo. Treinava para os campeonatos no Rio, São Paulo, Belo Horizonte.

K.D. - Como eram os uniformes de competição?

M.C. - No início era aquela coisa, a gente ia até pedir na Voluntários<sup>30</sup>, aquelas casas de tecidos de tudo, que eles vendiam os tecidos para a gente e cada uma ganhava seu metro e tinha que ir em casa fazer seu calção, sua camiseta, sua camisa, no caso, cada uma fazia. E depois com o tempo é que então o clube começou a dar... O tênis era o que a gente comprava, depois o clube começou a dar a camiseta, o calção até a gente continuava comprando, ganhava abrigo, depois aí de devagar...

## [FINAL DA FITA 51/01-A]

K.D. – Eu ouvi, em alguns depoimentos, que algumas atletas que jogavam contigo, inclusive em alguns momentos, sentiram restrições por parte da família, namorado e eu gostaria que tu nos falasse se em algum momento tu sentiste que isso?

M.C. – Eu senti, inclusive bem no início da minha carreira, porque eu estudava e tinha um namorado que era da mesma escola também. Eu ia para as competições de tudo, ele acompanhava, mas acompanhava mais de longe! Inclusive depois eu comecei a jogar na SOGIPA e a ter outros jogos, jogos de basquete masculino, tinha um cara lá que agradou, era o capitão da equipe<sup>31</sup> lá. Um dia esse meu outro namorado... Também era enjoado para ele porque eu ia para a pista e ele ficava lá em cima sentado, esperando, quer dizer, que o troço não encaixava e ele não era do esporte. Então eu fui um dia, teve num final de ano uma festa de encerramento e eu disse para o meu namorado que era só para os atletas, e ele não poderia ir. Ele entendeu tudo, não foi. Lá pelas tantas, esse que é meu atual marido, me tirou para dançar e nós começamos a dançar e minha mãe fazia assim [gesto indicando desaprovção] porque eu tinha aquele outro namorado, achava que eu tinha que ficar sentada ali quieta e que ela fazia assim com a mão, como quem... Me repreendendo que eu estava dançando. Quando eu olho para a porta estava meu namorado lá. Inclusive, em seguida de esperta, ele não estava, não me acompanhava no esporte nem nada, então que eu ia, a gente iria desmanchar o namoro que eu já havia encontrado outra pessoa e realmente foi. É meu marido até hoje, já fazem 45 anos.

K.D. – Mas ele não gostava, teu antigo namorado não gostava que tu praticasse esporte?

M.C. – Não, não gostava nem me acompanhava na... Aí eu resolvi então, encontrei este que era de dentro da quadra, também jogava na SOGIPA. Depois eu estudava no Americano e ele era do IPA. Então a gente, já desde aí, estava sempre junto em competições, nas olimpíadas metodista e tudo.

K.D. - Ele tinha algum argumento para não gostar que praticasse?

---

<sup>30</sup> Avenida Voluntários da Pátria, localizada no centro de Porto Alegre

<sup>31</sup> José Forrano Coelho da Costa

M.C. – Ele disse preconceito, eu acho que ele nem chegava a me proibir de jogar porque eu ia mesmo, eu não perguntava e fazia. Só que aquilo para mim já estava muito chato, ele ficar sempre de fora, não acompanhava nada.

K.D. - Tu sabes dizer algumas competições importantes que tu tenha participado ou que foram importantes para ti, qualquer das modalidades que tu tenhas competido?

M.C. - Eu acho que a mais importante foi esta, jogar em 56 no mundial em Paris com a seleção brasileira. O sul americano em São Paulo também, mas aí foi de atletismo e basquete, eu fui convocada, mas eu nunca fui para a seleção, eu não aceitava na época e tinha mais o vôlei e tinha mais o atletismo, então já não dava, não encaixava. Deixei também uma vez de ir a uma Pan-americano no México que eu estava voltando de um brasileiro de voleibol, já tinha faltado muito na escola. Tinha que ficar em Porto Alegre e foi estes dois, as mais fortes, os torneios e também a gente venceu o voleibol, os Troféus Brasil de atletismo. Voleibol também era Taça Brasil e Troféu Brasil era de atletismo. Estes eu também participava.

R.T. - Vocês recebiam algum apoio por parte do clube?

M.C. – Não.

R.T. - Tudo por conta de vocês?

M.C. - Na época, olha que a gente se lembra, ainda era um lanche, lanchinho. Até nem sei se eu peguei lanche, acho que eu nem cheguei a pegar mais lanche. A gente não tinha nada, não recebia financeiramente, não. Só ganhava era o abrigo...

R.T. - Eles pagavam uma viagem para vocês?

M.C. – Ah não, aí sim, a viagem sim, era por conta do clube.

K.D. – Margot, essas viagens que tu fazias para competições maiores, era a federação que apoiava?

M.C. - Sim, por exemplo, quando foi para Paris daqui, talvez até o Rio que eu fui, foi a federação, depois era confederação, Confederação Brasileira de Voleibol.

K.D. - Que organizava as competições do Estado?

M.C. – Ah, do Estado aí era a federação, a nossa federação.

K.D. - Mas até certo ponto a federação era junto de todos os esportes, aí depois separou a do vôlei?

M.C. – Sim, tinha a FARG<sup>32</sup>, depois tinha a FGB<sup>33</sup> de basquete, federação gaúcha, a FGB, depois a de voleibol.

K.D. - Tu acompanhaste o processo de separação?

M.C. – Sim.

K.D. - O que tu sabe nos contar dele.

M.C. – Não, eu não sei, eu acompanhei, não eu sei que houve, mas não participei junto.

K.D. - Mas houve alguma mudança na rotina dos clubes...

M.C. – Não.

K.D. - Por causa da separação?

M.C. – Não, não me lembro de rotina.

K.D. - Aparentemente ela foi só para a organização?

---

<sup>32</sup> Federação Atlética Rio-Grandense

<sup>33</sup> Federação Gaúcha de Basquete

M.C. – É, para organização.

K.D. – E tu chegaste a participar dos Jogos Abertos Femininos?

M.C. – Sim, aquele que era da Folha<sup>34</sup>? Está aqui o troféu, olha que eu achei, olhe o horror. Olha [palavra inaudível] de propósito por ele ter a idade dele.

K.D. – “Terceiros Jogos Femininos, Folha Esportiva atleta mais destacada 1976”?

M.C. – Isso.

K.D. – 56?

M.C. – 56, eu tenho as fotos também.

K.D. - Por que copa Antônio Perage?

M.C. - Em homenagem ao Antonio Perage. Naquela hora ele era o que? Não sei se ele era deputado... Esses militares no meio também ofereciam. O Túlio de Rose era quem fazia estes Jogos Abertos, o jornalista Túlio de Rose.

K.D. - Como era participar destes jogos?

M.C. – Ah, coisa bem boa. A gente fazia tudo, eu ganhei por isso, porque, a única coisa que eu não fiz, foi esgrima e andei a cavalo, hipismo, porque eu fiz, eu nadei, eu remei, eu dei tiro, desmontei barranco, mas dei tiro também. Fiz vôlei, basquete, atletismo. As duas únicas modalidades que eu não fiz foi esgrima e o que eu disse foi esgrima e hipismo, não é? Cavalinho que eu não subi no cavalinho. E aí eles faziam... A gente ganhava tudo também, voleibol, atletismo, também ganhava todas as provas, na época. Ganhava o troféu da mais eficiente, não deixava de fazer nada, era uma beleza, era mais de mês fazendo as modalidades.

K.D. - Os jogos levavam mais?

M.C. – É, levavam sim porque eram fim de semana sempre as competições, não é? Os Jogos Abertos.

K.D. – E se estendiam por...

M.C. – Sim, um bom tempo, quase um mês, um mês e pouco. Cada fim de semana tinha, atletismo, voleibol, hipismo que tinha que se deslocar e para o Guaíba a remar, era uma beleza.

K.D. – Ma, durante os jogos, vocês competiam em algumas modalidades que normalmente não eram...

M.C. – Não, era aberto.

K.D. - Não eram treinadas?

M.C. – Não, não eram treinadas exatamente. A gente fazia de tudo. Nem era, por exemplo, a SOGIPA não tinha remo na época, mas eu estava lá, quatro e o pai da Ilsa<sup>35</sup> que na época, quando ele era jovem, era timoneiro. Pai da Ilsa Oliveira. Ele sentou lá na ponta e nós “olha, vamos remar”. Nos dava a orientação.

K.D. – E, de herança dos Jogos Abertos Femininos, o que tu acha que ficou para o esporte porto-alegrense ou para a mulher, a participação da mulher?

M.C. - É uma pena porque não... Até ali incentivou muita gente a vir e tudo e depois nunca mais houve esse tipo de jogos. Depois que o Túlio deixou de fazer, o de Rose, mas incentivou bastante...

K.D. - Chegou a incentivar mais moças a entrarem nos clubes ou alguma coisa assim?

---

<sup>34</sup> Folha da Tarde, jornal do grupo Caldas Júnior de Porto Alegre

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação

M.C. - Eu não sei se aí também neste ponto... Abriu.

K.D. - Incentivava as que estavam?

M.C. – Sim, as que estavam, foi bem por aí.

R.T. - Existia um objetivo de integração em geral ou tinha muita rivalidade...

M.C. – Tinha rivalidade sim.

R.T. - Dentro e fora, vocês se encontravam na rua?

M.C. – Sim [riso] bastante. Só a gente que era mais, até se dava mais, lógico, quando ia para a quadra do União<sup>36</sup> para cá e SOGIPA para lá, a gente se... Mas, quando era convocada para uma seleção, a gente se integrava direitinho, não dava problema nenhum. Era o Rio Grande do Sul, mas tocou na quadra União e SOGIPA, no atletismo era Grêmio<sup>37</sup> e SOGIPA. Tinha fins de semana que eram torneios, era o cidadão e era o Sênior e era o estadual. Um fim de semana eram eles que ganhavam e outro fim de semana era eu quem ganhava. Então era aquela richa. Nos 80 metros com barreira, também tinha muita rivalidade.

K.D. - Muitas outras moças participava contigo do atletismo?

M.C. - Sim, tinha mais atletas, por exemplo, minha irmã também fazia atletismo, a Magda<sup>38</sup>, atletismo a Karin<sup>39</sup>, era também da mesma época do atletismo, a Anelise Fischer.

K.D. - Era comum se envolver com outras modalidades?

M.C. – Elas?

---

<sup>36</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>37</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>39</sup> Karin Ingrid Süffert de Cordal

K.D. - Além de ti e da Karin que praticaram o atletismo e depois foram para praticar o vôlei. Era comum isso, esse movimento com mais de uma modalidade?

M.C. – Era. Não era assim, tão selecionado como é hoje, que o pessoal faz vôlei, faz vôlei, a gente fazia tudo.

K.D. - Alguma historinha da tua carreira que tu ache que vale a pena nos contar?

M.C. - Pois é, não sei, acho que não. Não estou lembrando nenhuma assim diferente.

K.D. - Bom então...

M.C. - Então é por aí.

K.D. - Te agradeço muito...

M.C. – Eu que agradeço.

K.D. – O depoimento e espero poder contar mais vezes.

M.C. – Certo, sempre vou estar às ordens.

[FINAL DO DEPOIMENTO]